

SBN – Série Depoimentos

Dr. Cesar Bauer Gomes



1) Objetivamente, qual foi o caminho percorrido até se tornar pesquisador da Embrapa / Clima Temperado (RS) na especialidade da Nematologia de Plantas?

Pouco antes de concluir o curso de Agronomia, no início da década de 1990, estava fazendo estágio em Melhoramento Genético de Fruteiras no extinto centro da Embrapa, Centro Nacional de Fruteiras de Clima Temperado – Pelotas/RS, agora Embrapa Clima Temperado. Foi onde conheci a pesquisadora Dra. Regina Carneiro, com quem aprendi o ABC da Nematologia; depois segui o caminho, entrando, em seguida, no curso de Mestrado em Fitossanidade da Universidade Federal de Pelotas sob a orientação dela.

Nos anos de 1995 e 1996, atuei como professor substituto de Microbiologia Agrícola e Fitopatologia nas Universidades Federais de Santa Maria e Pelotas, respectivamente. Ainda em 1996, iniciei o curso de Doutorado em Fitopatologia na UFV, em Viçosa-MG, sob a orientação do Professor Leandro Freitas, dando continuidade aos trabalhos na linha de controle biológico de nematoides. No entanto, em 1999, antes de concluir o doutoramento, fui contratado como pesquisador na área de nematologista vegetal na Embrapa Clima Temperado, onde continuo trabalhando.

2) Quais os maiores desafios que você enfrentou aqui no Rio Grande do Sul em termos fitonematológicos na fase inicial da carreira e aqueles com que você se defronta hoje?

Logo que contratado pela Embrapa, uma das linhas de pesquisa em que fui inserido estava relacionada ao manejo de *Criconemoides xenoplax*, nematoide associado à Síndrome da Morte Precoce do Pessegueiro (PTSL), problema sério enfrentado pelos persicultores gaúchos até hoje. No início, tive algumas frustrações relativas à falta de suporte e tecnologia para que dispusesse de material genético clonal e pudesse avaliar a resistência de porta-enxertos, tolerantes ou resistentes, ao nematoide. Parti então para a investigação de métodos de controle alternativos como rotação de culturas, coberturas verdes antagonistas, incorporação de resíduos orgânicos e biofumigação, entre outros.

Outros problemas nematológicos foram enfrentados no decorrer do período, como o nematoide de galhas *Meloidogyne ethiopica* em quivi, patógeno com histórico de causar severos danos à videira no Chile, associado a danos em fumo e, mais recentemente, em batata, ambos os casos, no sul do Brasil. Além desses fitonematoides-chave, outras espécies, principalmente relacionadas ao gênero *Meloidogyne*, foram e tem sido objetos de estudo em levantamentos nematológicos e programas de melhoramento genético de fruteiras, hortaliças e culturas anuais buscando-se selecionar genótipos resistentes.

Embora uma série de trabalhos tenha sido realizada e concluída, ainda nos deparamos com problemas sérios, tais como a carência de apoio operacional e dificuldade de implantação da tecnologia e/ou conhecimento gerados, nas diversas instâncias, sejam ligados à fiscalização ou à extensão.

3) Além da pesquisa, sua atividade básica, sempre que pode você atua na extensão e também junto à Academia, na qualidade de orientador ou co-orientador de pós-graduandos. Como você encara esta última atividade e como tem sentido o engajamento de seus ex-orientados no mercado profissional?

Logo que voltei a Pelotas, fui convidado a colaborar com o Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade da Universidade Federal de Pelotas. Entre 1999 e 2011, estive vinculado à orientação e co-orientação de mais de 20 dissertações e teses. Essa parceria tem proporcionado aos alunos maior interação com os problemas práticos e a busca por alternativas de cunho mais prático e aplicado.

Minha relação com o programa tem proporcionado constante atualização em diferentes assuntos ligados à Nematologia de Plantas; além de possibilitar, também, o avanço do conhecimento em muitos dos projetos desenvolvidos na Embrapa. Acredito que tal experiência, por parte dos alunos, tenha possibilitado maior conectividade com as demandas que vão surgindo, ou mesmo uma melhor preparação para a entrada no mercado de trabalho. Isso porque a grande maioria dos orientados que tem passado por aqui tem se inserido em instituições de pesquisa e ensino públicas e/ou privadas, tanto no Rio Grande do Sul como fora do estado.

4) Em anos passados, um dos emblemáticos problemas regionais de fitonematose no Brasil era a ‘Ponta Branca do Arroz’, aqui no RS. Qual é a situação atual do problema? Não existe mais? Se for o caso, como foi definitivamente solucionado?

A **‘Ponta Branca do Arroz’**, nematose associada a *Aphelencooides besseyi*, foi problema sério na orizicultura irrigada nas décadas de 1940 a 1960, devido a alta suscetibilidade das variedades utilizadas na época. Com a introdução de variedades americanas resistentes (Bluebelle e Labelle) a *A. besseyi* por produtores nos na parte final dos anos 1970, os sintomas a campo da doença diminuíram sensivelmente. Com o lançamento de cultivares provenientes de genótipos asiáticos como BR 409, BR 410, El Passo, nos anos 1980, e ‘404’ e ‘405’ nos anos 1990, mantiveram-se baixos os níveis de ocorrência da nematose devido, muito provavelmente, à tolerância desses materiais aos danos provocados pelo nematoide.

Nos últimos anos, os relatos de Ponta Branca tem sido esporádicos, restritos a algumas regiões do estado e associados, principalmente, a períodos de alta umidade relativa do ar. No entanto, a ocorrência de *Meloidogyne graminicola* em lavouras de arroz do RS e de Santa Catarina, tem despertado a atenção dos pesquisadores pelos danos causados na cultura, que ocorrem, normalmente, em manchas (reboleiras).

5) Com um “razoável tempo de estrada”, como você analisa a situação atual da Nematologia de Plantas no Brasil? Houve evolução ou não? Hoje, o nematologista recebe mais atenção e o devido reconhecimento?

Embora minha quilometragem ainda seja relativamente ‘pequena’, percebo sensível evolução relacionada à pesquisa na Nematologia. Algumas ferramentas adicionais à taxonomia clássica, surgidas nas duas últimas décadas, tem auxiliado bastante na identificação e caracterização das espécies de fitonematoides. A identificação correta desses patógenos tem ajudado de forma efetiva na seleção de variedades resistentes de porta-enxertos para uso direto ou em associação com esquemas de rotação de culturas, bem como na diagnose de nematoides de importância quarentenária. Da mesma forma, a agricultura de precisão tem evoluído bastante no manejo de pragas e patógenos e acredito que se torne, em breve, opção tecnicamente efetiva e economicamente viável.

Em função do tamanho exíguo dos nematoides, o diagnóstico deles em locais afetados não é tarefa simples e os sintomas que causam ainda são confundidos, principalmente, com desequilíbrios nutricionais das plantas. Porém, acredito que uma das causas de insucesso no manejo tem sido a recomendação de cultivares resistentes ou de culturas más hospedeiras sem um diagnóstico preciso e um planejamento prévio.

Em alguns casos, tal fato tem sido caracterizado, por exemplo, pela recomendação de ‘gramíneas’ para o controle de ‘nematoides’ por técnicos extensionistas ou mesmo da pesquisa, sem mesmo se saber qual(is) gênero(s) ou espécie(s) ocorrem na área atacada. Para algumas culturas, como a soja, o fumo e hortaliças como o alho e tomate, o nível de informação de produtores e técnicos quanto à problemática nematológica já é diferenciado e as questões relacionadas ao manejo são bem orientadas.

Dessa forma, cabe-nos evidenciar alternativas viáveis, ou menos impactantes, aos problemas que surgem e, principalmente, formarmos bons educadores, pesquisadores e multiplicadores do conhecimento nematológico gerado para que esse panorama possa efetivamente mudar.

(depoimento colhido durante dezembro de 2012)